



Colóquio das Árvores: a natureza pulsante de Renata Bomfim

Lina Arao¹

BOMFIM, Renata. *Colóquio das Árvores*. Lisboa: Chiado, 2015.

O terceiro volume de poemas da escritora capixaba Renata Bomfim – *Colóquio das Árvores* – propõe uma cosmovisão ampla e fluida, na qual os elementos naturais, conforme anuncia o título do livro, dialogam entre si, mas, para além disso, constroem-se em intrínseca relação com a subjetividade poética multifacetada diante do mundo em suas mais diversas nuances: o natural, o social e o espiritual. Nesse sentido, a escolha da palavra “colóquio” é extremamente apropriada, uma vez que alude ao tom de coloquialidade de conversa íntima que infunde a ideia de uma convivência de fruição natural presente na totalidade da obra, ao mesmo tempo em que relata a reflexão acerca de tópicos complexos, como o fazer poético, o amor, o devir do estar no mundo e a efemeridade da vida.

O livro divide-se em cinco partes – intituladas “O Grito da Rosa”, “Colóquio das Árvores”, “O Cisne e a Flor”, “Cantos de Vida e Esperança” e “Hortinha Poética” –, conectadas por temas que perpassam a obra como um todo, embora cada uma pareça ressaltar uma especificidade: na primeira, a subjetividade feminina encontra uma voz poética assertiva e múltipla, em constante indagação sobre a arte da composição lírica; a segunda apresenta temas que tangem o social, ainda que nada tenha de panfletário, recorrendo, ao contrário, a uma identidade marcada pela polissêmica presença da terra tanto em seu sentido de elemento gerador de vida quanto como terra, brasileira e latino-americana, habitada inicialmente por uma infinidade de povos indígenas; na terceira, a partir de uma alusão a dois de seus poetas preferidos – Rubén Darío e Florbela Espanca –, inscritos na epígrafe e no título, constrói-se uma espécie de “geografia” poética, que abrange espaços porventura caros à escritora, como Évora, Lisboa, Vitória, o âmbito dos corpos femininos e das inspirações líricas que se estendem da busca pela “melodia

¹ Pós-Doutoranda em Ciência da Literatura (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

perfeita” ao amor, passando pela espiritualidade que encontra Deus em todos os elementos que conformam a vida e a morte, ambas relacionadas em um nó intrínseco da passagem do tempo; em “Cantos de Vida e Esperança”, apropria-se das palavras de Darío para ressaltar a esperança sustentada pelo amor entre os seres, que devem, enfim, aceitar o mistério de tudo; finalmente, na última parte, os poemas, cheios de humor, operam uma comunhão do sujeito poético com a natureza e seus frutos.

No esclarecedor prefácio ao livro escrito pela professora Ana Luísa Vilela, destaca-se, acerca do instigador poema “Identidade X”, a “autenticidade feminina”, plural e contraditória, sendo, por isso, não-rotulável e flexível. Tais características são adequadas também para outros poemas de Bomfim, sobretudo aqueles que se relacionam com a construção de uma identidade poética feminina. É notável, nesse contexto, o duplo movimento empreendido pela escritora, que, por um lado, aproxima-se de uma espécie de “tradição” ou “herança” literária de autoria feminina, ensejando a recuperação de algumas imagens recorrentes, como a identificação do sujeito poético feminino com a imagem do pássaro; por outro lado, essa associação, nos poemas de Bomfim, transforma-se para alcançar o empoderamento, a autoafirmação de uma subjetividade feminina. Se muitas poetisas oitocentistas valeram-se da figura da ave para de alguma maneira simbolizar os ímpetos de liberdade ao mesmo tempo em que enfatizavam a condição de vulnerabilidade feminina característica do período, em “O canto da harpia”, por exemplo, Bomfim relata a transformação do eu lírico em harpia, de “indecentes e fortes plumas” e de “imensas asas”, cujo voo abarcador não revela fragilidade, mas a crença em sua capacidade de transpor limites e abarcar o “universo selvagemmente novo”.

Ultrapassam-se do mesmo modo as pretensões de unidade e os modelos dicotômicos cultural e literariamente criados para as mulheres, que as classificavam ou em uma “essência” pacata e “santificada” ou em sua contraparte diabólica e rebelde: o sujeito poético de “Frankenstein” assume-se heterogêneo em sua consciência sensível ao que o cerca, ambiente no qual o “cisne” e a “pomba” são reminiscências de poetas – Darío e Espanca –, assim como outros bichos inspiram o fazer poético; projetando-se lado a lado “natureza” e “cultura”, implodem-se também essas barreiras, aclarando-nos que as hierarquizações são meramente constructos naturalizados e internalizados, passíveis, então, de questionamento e desconstrução. No poema “Eu”, tais discussões explicitam-se: “Eu sou toda misturada / feita de sol e de chuva / sou doce, salgada / santa e puta. / [...] / eu sou toda misturada / nem sei mais as proporções de cada coisa, / tanto mais diluída, eis o que me conforta, / encontro realização.” A reivindicação pela multiplicidade e pela transformação constante em contato com as circunstâncias e seres que se

encontram pelo extenso caminhar poético parece marcar o infundável processo de reconhecimento e autorreconhecimento e, por conseguinte, o de construção e afirmação de um eu poético seguro de suas possibilidades.

Se a subjetividade lírica é heterogênea, contraditória, a poesia também está marcada pelo múltiplo e se edifica, em diversos poemas, pelo constante movimento de busca e caminhada, rica metáfora que reúne imagens caras à poética de Renata Bomfim. O nomadismo lírico ressalta a presença dos resquícios da terra dos caminhos percorridos, o que permanece da trajetória vivida, como em “Campos desconhecidos” – “Sou nômade! / Desse mundo pouco sei, / Dizem que é meu, mas duvido. / Me pertence apenas a poeira no sapato / Que trouxe das terras por onde andei.” –, no qual se percebe o estar-no-mundo como processo de aprendizagem e conhecimento, ciente de que não existe um sentido de apropriação material e de que a ideia de uma humanidade dominadora da natureza ou proprietária do mundo é uma ilusão; daí o profundo reconhecimento, marcante na poética de Bomfim, de que o sujeito poético se conforma a partir da relação com os outros elementos naturais. O despojamento material indiciado em “Louvação” e “Não materialidade” atribui a significação à palavra poética, substância de coesão entre o “eu” e o mundo, cujo contato se intensifica pelos pés descalços no chão, isto é, o encontro do ser que vaga pelos mares e a terra que prenuncia a geração de vida e de poesia, conforme se lê em “Exílio” – “No Oceano povoado, / Por letras, acentos e velas, / Busco a folha em branco. / Terra firme onde a palavra, / Insurrecta, prospera.”

Como em “Sonho da poeta”, a natureza faz-se também poesia: poética em constante transformação, que procura ao mesmo tempo a integração com o mundo e seus seres e a compreensão da pluralidade. “Ser poeta”, afirma Bomfim, é “receber na testa, / A marca de Caim. / É ser receptáculo do ódio, / Substância que no processo alquímico / Transmuta a si mesma. / [...] / É descer, por vontade, / Da torre de marfim, / Para descansar na cova rasa.” Desse modo, ser instável e variável implica transmutar-se e, muitas vezes, subverter ideias fixas e lugares-comuns, “incomodar” e “tirar da zona de conforto”, como se explicita em “O grito da Rosa”, poema com que se abre o livro. *Colóquio das Árvores* oferece-nos, assim, a voz singular de uma escritora que vem ocupar um lugar destacado na poesia contemporânea brasileira, configurando-se a partir de uma rara construção poética, cuja lógica interna não permite que algum poema pareça desagregado e promove a articulação de todos por um propósito que congrega a diferença e respeita o mútuo relacionamento dos seres; uma floresta onde as árvores, em colóquio, expressam suas individualidades – complexa e imprescindível proposta em tempos de intolerância.